

Documentos da nossa barbárie: a mídia e os valores do nosso tempo

Daniela Atalla da Silva Ramos*

Resumo

Esse artigo propõe-se a fazer uma análise crítica da atual programação da televisão aberta, tomando como referência e suporte os estudos sobre a arte de Walter Benjamin, do início do século XX, que anteciparam questões como a massificação da cultura e seus efeitos sobre a subjetividade e a capacidade de discernimento dos indivíduos. O artigo busca exemplificar, por meio de um paralelo entre o contexto analisado por Benjamin e o contexto atual, questões como a alienação, a espetacularização da violência, o sensacionalismo e o assistencialismo, presentes na programação de TV citada.

Palavras-chave: mídia; cultura de massa; espetáculo; alienação.

Abstract

The purpose of this article is analysing critically TV programs taking as reference Walter Benjamin's studies about art and the raising of mass culture in the early/beginning of XX century, which anticipated matters such as the effects of massive culture over individual's subjectivity and their hability of discernment. This article traces a comparative analysis between that context and the present scenario, exemplifying through some TV programs, problems such as alienation, violence showed as spectacle (distorted approach), sensationalism and welfarism

Keywords: mass media; mass culture; spectacle; alienation.

No início do século XX, Walter Benjamin já antecipava o surgimento da cultura de massa, da indústria cultural e de muitos fenômenos presentes na cultura de hoje, porém em outro contexto.

* Mestranda em Ciência Política da PUC-SP. E-mail: danielaatalla@ig.com.br

Como sabemos, ele tratou da relação entre estetização da violência e da política como forma de controle das massas, dando-lhes expressão sem, no entanto, alterar a hierarquia de classes (proprietários *versus* proletariado). No contexto da Segunda Guerra e de ascensão dos regimes fascistas, a morte e a violência representavam a hegemonia do homem sobre a máquina, limitadas à categoria de abstração, e não de experiência humana.

Abstração e negação da experiência, na estetização da violência e de muitos outros temas, nos conduzem ao que vivemos hoje através da mídia – mais especificamente do jornalismo e da programação televisiva. Gostaria de fazer essa relação com a mídia por ser meu tema de pesquisa – o qual desenvolverei mais abaixo – e pela contribuição que o curso deu à minha compreensão deste universo!

Benjamim também nos alertava para a condição de alienação:

Na época de Homero, a humanidade se oferecia em espetáculo aos deuses do Olimpo; ela se tornou agora seu próprio espetáculo. Ela tornou-se tão alienada de si mesma que consegue viver sua própria destruição como um gozo estético de primeira ordem.

A condição da alienação é hoje primordial para o usufruto da programação televisiva e jornalística, tal como apreciada abaixo.

Outro aspecto que gostaria de colocar como introdutório, é apresentado por Arendt (1999) em *A Condição Humana* e desenvolvido por Bucci e Kehl (2004) nos ensaios do livro *Videologias*; para Arendt, “(...) existir é fazer-se visível no espaço público, e fazer-se visível depende da conjugação entre discurso e ação”. Bucci e Kehl demonstram que o “espaço público” hoje foi tomado pela cultura de massa, mais especificamente a televisão: “Na modernidade, e de modo particularmente dramático nas sociedades de massa, o sujeito desgarrado de referências comunitárias, de um lugar seguro conferido pela tradição, de um reconhecimento pessoal entre o pequeno grupo de pessoas que o viram nascer e crescer, corre permanentemente o risco de viver a vida sem ser ‘ninguém’”. Assim, a oportunidade de ser “alguém” pode ser proporcionada pelos *reality shows* ou programas assistencialistas, ou ainda pela ‘fama’ ou o noticiário.

Quando não há a participação direta do sujeito no evento que proporciona a visibilidade, ele se vale do mecanismo de “identificação”: “A insignificância pública dos homens na sociedade de massas é compensada pelo mecanismo de identificação com a imagem de um líder (como no

fascismo), uma figura de projeção que represente ao mesmo tempo a encarnação dos ideais e o ideal de visibilidade”. A projeção se dá pela identificação do espectador com os artistas ou celebridades, o interesse com que acompanha e participa dos *reality shows*, e com que alimenta a indústria cultural que desenvolve esse tipo de produto.

Relacionando esta questão com a previsão de Benjamin, que apontava que “todo documento da cultura era também um documento da barbárie”, temos um retrato do nosso tempo e da problemática da mídia.

Quais seriam os documentos da nossa barbárie? Quais seriam os fatos da nossa realidade social que estão fomentando a cultura – muitas vezes de forma subliminar, oculta – para compor o retrato do nosso tempo?

Retomando meu objeto de pesquisa – a programação de TV – faço aqui um pequeno apanhado desta programação hoje:

– *Os reality shows*. Programas de “monitoramento de celebridades em cativeiro” como *Big Brother*, *A Fazenda*, *Casa dos Artistas*, entre outros, estimulam, através do *voyerismo*, a projeção das aspirações frustradas da classe média por uma vida mais significativa, como apontou Kehl:

O que interessa ao espectador fiel é a esperança de que a exibição, pela televisão, da banalidade de um cotidiano parecido com o seu, ponha em evidência migalhas de brilho e sentido que sua vida, condenada à domesticidade, não tem. (...) somente o brilho fugaz da fama é capaz de compensar a mediocridade da vida cotidiana.

– *Osensacionalismo notratamento da criminalidade*. Espetacularização da violência, linguagem de documentário, hiper-realismo, jornalismo verdade... Alguns programas ditos “jornalísticos” assume o discurso da “justiça pelas próprias mãos” ou “olho por olho, dente por dente”, reforçando o alarmismo e a barbárie – falência do Estado e do sistema Judiciário na prevenção e punição do crime – e a cultura – endosso e incentivo aos grupos de extermínio, milícias, privatização da segurança e retomada do discurso de direita de que “bandido bom é bandido morto”.

A violência urbana é definida pela polarização entre bons e maus, sem reflexão sobre as motivações para a criminalidade ou as causas determinantes para a exclusão econômica e social de parte da população que ingressa no crime – ascensão do tráfico, impossibilidade de recuperação dos detentos, valorização da ação punitiva e repressora em detrimento da educação e do trabalho.

Aqui podemos retomar as ideias de Arendt em *A Banalidade do Mal*. O fim – a segurança – justifica o meio – o justicamento. “Grandes números de indivíduos agrupados em uma multidão desenvolvem uma inclinação quase irresistível em direção ao despotismo”.

Outro aspecto do jornalismo televisivo, desenvolvido por Bourdieu (1997) em *Sobre a Televisão* e por Benjamin (1967) em *A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica* é a velocidade, a pressão pelo “furo” e pela atualização diária das notícias, o que esvazia a capacidade de reflexão e crítica. As informações são quase imediatas e quase imediatamente perecem, são substituídas. O excesso de dados embota a capacidade de análise do espectador.

– *O humor e sarcasmo no tratamento da corrupção política*. Diante de uma certa letargia perante o noticiário de mais atos corruptos ou anti-éticos por parte da classe política, alguns programas tentam estimular a conscientização e a mobilização civil através do humor, com é o caso do CQC – *Custe o que Custar*, objeto do meu projeto.

Os críticos deste tipo de programa defendem que o tratamento humorístico ou sarcástico atenua a reflexão, mantendo o *establishment*. Em seu livro *O Riso e o Risível*, Aliberti cita que uma das fontes de comicidade seria o “riso de deformação”, aquele que reforça a manutenção das minorias, discriminações e inferiorizações (piadas racistas, de gênero, homofóbicas, etc).

No EUA, um estudo do professor Matthew A. Baum, de Harvard, defende que as *Soft news* são ao mesmo tempo informações úteis ao sujeito e entretenimento”. O conceito se refere aos *talk shows* – programas de entrevistas e variedades – que vem sendo usados cada vez mais nos EUA pelos políticos para comunicarem-se com os espectadores menos participativos, transmitindo-lhes uma imagem mais amigável e acessível. Baum exemplifica que nos programas de *soft news*, o político fala não apenas de política, mas da família, dos seus gostos pessoais, mostra-se mais “humano” e acessível (Barack Obama até dançou em programa da entrevistadora Ellen de Generes na fase pré-eleitoral à presidência americana), convertendo essa exposição “simpática” na mídia num importante instrumento de sedução e convencimento de espectadores até então distantes do cenário político.

Em defesa da ideia “naturalização da corrupção” – aceitação do absurdo como “normal” – o próprio CQC demonstrou em alguns quadros

que a população brasileira generaliza a classe política como corrupta ou ladra mas, ao confrontar essa classe, não é capaz de apontar atos ou situações em que esses comportamentos foram exercidos. (Ex: os espectadores eram questionados nas ruas sobre determinado político e, em seguida, esse mesmo político que assistia a tudo através de um monitor instalado numa van descia do veículo para conversar cara a cara com o entrevistado).

A classe política aparece como irremediável e desqualificada, mas a população não acompanha objetivamente o exercício do poder; não se compromete com a formação desta classe ou sente-se capaz de conduzi-la a uma reformulação.

Retomando Arendt, a banalização das mazelas políticas indica conformismo, a naturalização do absurdo, a aceitação dos fatos que deveriam provocar indignação e mobilização por um público esvaziado de protagonismo político. Não nos sentimos representados pela classe política nem não nos sentimos capazes desta representação.

– *Programas assistencialistas – Dia de Princesa*, do Netinho; *Lata-velha e Lar Doce Lar*, do Luciano Huck; distribuição de dinheiro no Programa Silvio Santos; *reality shows* importados e adaptados como *Esquadrão da Moda*; *Extreme Makeover* (cirurgias plásticas e transformações estéticas), etc. Em recente matéria no jornal *Folha de S.Paulo*, o professor de Comunicação da ECA-USP e Ouvidor da TV Brasil, Laurindo Leal Filho, destaca que a exposição da miséria das famílias assistidas também é um espetáculo. São escolhidos os casos que podem resultar em maior audiência, como: famílias sem pai (por desaparecimento ou falecimento), doentes, desempregados, etc.

O espetáculo também está na desproporção entre a demanda (30 mil cartas enviadas por espectadores para o quadro *Lar Doce Lar* de Luciano Huck) e a oferta (40 famílias atendidas em 3 anos de existência do quadro).

Esse tipo de programa oferece perversamente uma solução simples e mercantilista para problemas complexos: falta de auto-estima, situação de risco social, compulsões, são resolvidos com uma nova casa, uma cirurgia plástica, um novo guarda-roupa. Não há qualquer reflexão sobre as causas destas questões. A identificação do público com o assistido é que importa.

O esvaziamento da discussão sociológica e a valorização do foco nos dramas individuais atinge outras áreas da cultura, como vimos no cinema. Se na década de 60 a temática de muitos filmes abordava os ideais e projetos coletivos – transformação social, questionamento do cenário político, da miséria do país, estética da fome e do sonho – ou pelo menos questionava a política de forma subliminar (cinema marginal), dos anos 80 em diante assistimos à multiplicação de filmes sobre dramas individuais e respostas econômico-financeiras - *Terra Estrangeira*, *Linha de Passe*, etc.

A era da responsabilização individual e dos dramas pessoais parece abarcar todo o nosso cenário cultural. Isto fala de uma fragmentação das classes sociais e dos grupos, que se mostram incapazes de articular soluções coletivas para os problemas modernos. Estamos compartimentados em nossas dificuldades individuais, solitárias, que devem ser tratadas através da medicalização e superadas com a realização dos sonhos de consumo e *status*.

Ora, numa era em que somos questionados o tempo todo sobre nossas competências e realizações pessoais e sociais, não há ambiente para mobilizações coletivas. Nem interesse, convicção, percepção da necessidade de projetos coletivos e de alcance mais abrangente. Nossa barbárie é a de que o propósito da vida é a conquista da ascensão social individual.

Referências bibliográficas

ALBERT, V. (2002). *O riso e o risível, na história do pensamento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

ARENDDT, H. (1999). *Eichmann em Jerusalem*. Cia das Letras.

BAUMM, M. (2007). *Soft News and the Four Ophra Effects*. Oxford Books,

BENJAMIN, W. (1997). A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. *Revista da Civilização Brasileira*. São Paulo, pp. 251-283.

BOURDIEU, P. (1997). *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

_____ (1997). *A influência do jornalismo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

_____ (1997). *Os jogos olímpicos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar

BUCCI, E. e KEHL, M. R. (2004). *Videologias – Ensaaios sobre a Televisão*. São Paulo, Boitempo.

GRESPLAN, J. (2009). “Hanna Arendt e a ‘Banalidade do Mal’”. In: ALMEIDA, J. de e BADER, W. (orgs). *Pensamento Alemão do Séc XX*. São Paulo, Cosac & Naify.

Artigos

“Negócio dos Sonhos” - *Folha de S.Paulo*, Caderno Ilustrada de 13 de dezembro de 2009.

“TV aberta investe em programas assistencialistas”, RUSSO, Rodrigo. – *Folha de S.Paulo*, caderno Ilustrada de 13 de dezembro de 2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u665453.shtml>

“Gênero assistencialista comete crueldade, diz especialista”, RUSSO, Rodrigo. – *Folha de S.Paulo*, caderno Ilustrada de 13 de dezembro de 2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u665468.shtml>

BAUMN, Martin and JAMISON, Angela – “The Oprah Effect: – How Soft News Help Inattentive Citizens Vote Consistently” – in 2006. *Journal of Politics* 68(November): pp. 946-59. Disponível em: http://www.hks.harvard.edu/fs/mbaum/news_quality.html